O desafio do cinema

Comunicar os valores cristãos em uma cultura midiática

É o ano de 1895, quando na França, por obra dos irmãos Lumière, nasce o cinema. Através de um único instrumento, que funcionava como câmera e projetor, o *cinematógrafo*, os dois operadores gravam a chegada de um trem, a saída dos operários de uma fábrica e as brincadeiras de uma criança. Os mesmos irmãos Lumière projetam, depois, as primeiras imagens daquele célebre trem em sua chegada à estação de La Ciotat. O evento representa não só o início do cinema. Aquele trem sinaliza o ponto final de um longo sonho relacionado à história da própria humanidade, a história de uma *grande ilusão*, o sonho da criação de realidades paralelas: dos truques aos efeitos especiais, à realidade virtual.

Hoje o cinema divide o seu protagonismo com a televisão e a internet. Existe uma fusão de meios, e o filme realizado para ser visto em uma sala, pode também ser visto na TV, mas também em DVD, no computador, descarregando-o da internet e até no celular. Estamos, evidentemente, em um momento no qual o cinema busca o seu espaço no magma tecnológico, um momento de mudança, mas também de crises, o fim de uma época e o início de outra que não sabemos onde desembocará. É fato que, no fundo desse panorama imprevisível, os conteúdos audiovisuais (cinema, TV, you tube, etc.) continuam a ser o principal veículo de ideias e modeladores de consciência e de comportamentos.

A nossa época é, inegavelmente, privilegiada, porque a difusão capilar da mídia une o mundo em uma comunicação global que elimina as distâncias de lugar e de tempo. O cinema, em particular, é um instrumento criativo que soube conciliar a poesia, a arte, a música para representar o mundo no qual vivemos. Não é apenas evasão, mas é, também, um poderoso instrumento de reflexão e comunicação que, desde as suas origens, procurou contar a história do homem e a sua busca do absoluto. Constitui um dos lugares onde se entrelaçam os mais importantes fenômenos que ocorrem na sociedade, na cultura e nos costumes. Se nós somos aquilo que somos, além daquela formação normal oferecida pela escola e pela vida, o devemos, sem dúvida, também aos filmes que representaram: o sentimento, a inteligência e o empenho.

É preciso olhar para o cinema como uma oportunidade para ajudar o crescimento do homem em sua vida diária. Na centralidade da pessoa se unem todas as dimensões da existência: da experiência religiosa à vida afetiva, do sofrimento à alegria, do nascer ao morrer.
A filmadora é um instrumento extraordinário para penetrar e fixar os lados mais misteriosos da vida em todas as suas circunstâncias e em todas as suas expressões. Um filme pode exaltar os aspectos mais belos, entrando no íntimo do coração, mas pode, também, apresentar os lados mais obscuros da existência e até desfigurá-la e desvirtuá-la.

Uma forma de comunicação, portanto, que não deve ser descurada pelas religiões, de quem conserva, além dos grandes conteúdos morais, também as referências de sentido midiático e, não raro, transfigurados pelas regras da própria linguagem cinematográfica.

Quais são, portanto, as características, as condições que deveria ter um filme para comunicar verdadeiramente os valores cristãos?

“O cinema deveria levar às pessoas apenas aquilo que lhes é útil, aquilo que serve para a sua instrução humana, civil, religiosa… levar aquilo que verdadeiramente é bom”, isto sonhava e nos ensinava pe. Alberione.

Gostaria de lembrar a todos um belíssimo trecho da alocução do dia 6 de maio de 1967, que Paulo VI dirigiu aos escritores e artistas e que foi retomado, palavra por palavra, obviamente citando a fonte, por João Paulo II no seu discurso *Aos operadores da mídia* durante a viagem apostólica aos Estados Unidos e ao Canadá *«Registry Hotel» (Los Angeles) terça-feira, 15 de setembro de 1987.* Era a primeira vez que um Papa falava às pessoas da indústria das comunicações:
“Quando vós - dizia Paulo VI, e posteriormente repetia João Paulo II – escritores e artistas (e se pode também aplicar aos diretores, atores e produtores do cinema) sabeis extrair da vicissitude humana, por humilde que seja, um acento de bondade, rapidamente um clarão de beleza percorre a ópera. Não vos pedimos que sejais moralistas todo o tempo, mas cremos na vossa habilidade mágica de fazer vislumbrar o campo de luz que se esconde atrás do mistério da vida humana”.
Alegra-me, pois, pensar no cinema como um campo de luz, isto é, ver que subverte a corporeidade e a física, que penetra no mistério do invisível. De outra parte, como havia dito nos anos 30, um escritor da linguagem do cinema, “o filme torna visível a alma invisível”.
O problema de como representar em imagens o mundo espiritual e invisível, está presente em toda a história do cinema. Em alguns filmes, o sentimento religioso, a espiritualidade, a sacralidade são uma clara manifestação das escolhas feitas pelo homem.

“É preciso depor a tesoura da censura e tomar nas mãos a filmadora” porque “a força da filmadora ultrapassa a da escola, do púlpito, da imprensa e se conseguem resultados sempre melhores”. Assim dizia o Bem-aventurado Tiago Alberione, que iniciou a atividade cinematográfica em 18 de março de 1938. Naquele dia, de fato, encarregou dois sacerdotes da Sociedade São Paulo de iniciarem o apostolado do cinema.

O cinema, meio de comunicação, instrumento de cultura e de profundo conhecimento, graças, também, ao extraordinário poder da imagem, representa uma linguagem universal que sabe chegar ao coração das pessoas e que, com seu forte impacto visual, não pode deixar ninguém indiferente. Se utilizado com responsabilidade e respeito, pode se tornar um alto-falante em grau de difundir em todo o mundo a voz do homem e de Deus.

Teresa Braccio, fsp